



O

M

A

R

I

A

N

O

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano V

Florianópolis, Maio de 1947

N. 3

O Construtor

Virtude: Castidade.

Vício oposto: Incontinência.

O Construtor: "Coração de Jesús, Fonte de toda castidade, tende piedade de nós". (300 dias de indulgência).

O Ajudante: "Puríssimo Coração da Bemaventurada Virgem Maria, alcançai-me de Jesús um coração puro e humilde". (300 dias).

Método: Começa o dia com o propósito de guardar teu coração e corpo castos e puros. Ao levantar, repete cinco vezes as jaculatórias acima; dize estes grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, pergunta-te, quantas vezes as repetiste e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

Antes da Tentação: A castidade é a virtude que conserva a santidade do estado matrimonial. Deus mesmo criou o sexo para um fim bem específico: propagar a raça humana. Reservou ao estado matrimonial o uso deste poder natural com seu deleite concomitante, como recompensa pelos sacrifícios exigidos dos pais. Daí é pecado procurar ou admitir este deleite fora do matrimônio legal, é uma perversão da natureza. — Jesús Cristo é a fonte de toda a castidade. Sua castidade é a consequência necessária da união hipostática da divindade com a humanidade sagrada. Ele criou Maria, sua Mãe virginal, imaculadamente pura. Converteu Maria Madalena, Sto. Agostinho e inúmeros jovens de todas as épocas e países, vítimas de hábitos impuros em santos e bemaventurados no céu.

— Frequentes orações ao Sagrado Coração e o puríssimo Coração de Maria enriquecem a alma com uma alta estima da santa virtude e sustentam a vontade no afan de manter submissos todos os impulsos impuros. Nossas aspirações, ditas como pedidos, formarão hábitos de pensamentos castos que são absolutamente necessários para uma vida casta. Formarão hábitos de auto-contrôle, sem o qual uma vida casta é impossível. Como sinceras súplicas ao Sagrado Coração de Jesús, fonte de toda a castidade, e ao puríssimo Coração de Maria, elas hão de obter-nos as necessárias graças de rejeitar sugestões pecaminosas, de regular os afetos do coração humano e de nos acautelar contra perigos que se aproximam.

Durante a Tentação: Cada pensamento impuro deliberado, cada desejo, palavra ou acto contra a castidade, fora do legítimo uso no matrimônio, é pecado mortal. A ruína espiritual produzida pelo flagelo da impureza, se projeta do

tempo para a eternidade. A alma está ferida mortalmente, privada do amor de Deus. Ela vive num medo de uma morte repentina e imprevista e teme ouvir a dura sentença de condenação: "Apartate de mim, maldito, para o fogo eterno". — Será que este vício tem tal domínio que não possa ser quebrado? Não haverá força alguma, nem no céu nem na terra, que possa desalojar o espírito impuro de uma alma? Felizmente, o mundo pecaminoso tem seu Salvador, Jesús Cristo, o Filho de Deus. Ele estipula duas condições para a vitória: Lutar e Rezar. O espírito combativo deve ser sustentado por uma profunda convicção de sua necessidade e pela segurança do bom sucesso na luta, o que é promovido pelo sincero espírito de oração. — A força combinada de nossas aspirações de castidade: "Coração de Jesús, fonte de toda a castidade, tende piedade de nós", "Puríssimo Coração da Bemaventurada Virgem Maria, alcançai-me de Jesús um coração puro e humilde", fortifica a alma com actos positivos de pureza e com graças que ajudam a vontade a vencer as tentações de Satan.

Na medida que cresce a força da tentação, deveria crescer o fervor das aspirações, de forma que pensamentos, desejos, palavras e actos contra a castidade se tornem objetos de desgosto. Pois cada grupo de aspirações leva o coração mais perto dos puríssimos corações de Jesús e de Maria, estreitando os laços de amizade.

Depois da Tentação: Jesús suportou a flagelação com todos os sofrimentos desumanos para satisfazer pelos pecados da carne. Se tivermos ficado fiéis ao Nosso Rei no tempo de uma tentação grave, teremos diminuído Seus cruéis sofrimentos, e poderemos oferecer-Lhe grupos de nossas aspirações em ação de graças por tal assinalada vitória da divina graça. Se tivermos fraquejado e cedido à força do tentador, a reconciliação será efetuada por uma humilde confissão e um sincero arrependimento. E a alma, humilhada pela queda, renova mais uma vez sua aliança com Jesús Cristo, seu Rei. — Esta mudança de coração é perpetuada por meio de actos positivos de reparação, expressos por nossas aspirações de castidade. Unindo-os ao preciosíssimo Sangue de Nosso Salvador no Sacrifício da Missa, aumentam de valor, enquanto seu valor de orações indulgenciadas nos livra das penas temporais devidas ao pecado.

Charles A. Imbs, S. J.

LIVROS

Vária Fortuna e Estranhos Fados de Anthony Knivet, versão do original inglês por Guiomar de Carvelho Franco; Editora Brasiliense Limitada, São Paulo, 1947. — Esta obra constitui o 5º volume da valiosa Coleção "A Conquista da Terra", que põe à disposição do leitor português os relatos das grandes expedições ultramarinas e terrestres. Os três primeiros volumes encerram os escritos do Tenente James Cook; o quarto apresenta as viagens de Marco Polo. Para nós tem valor especial o presente volume. Pois Antônio Knivet passou largos anos no Brasil numa das épocas mais importantes, entrou em contacto íntimo com portugueses e aborígenes, cujos costumes descreve magistralmente. O último capítulo lê-se como o relatório de um espião. Knivet descreveu aí todo o litoral brasileiro de norte ao sul, indicando todos os portos, anotando-lhes as profundidades da água, dando indicações sobre rumos a serem seguidos, sobre as possibilidades de abastecimentos, deixando sinais característicos para a identificação dos resp. portos. As profusas anotações de Francisco de Assis Carvalho Franco formam uma bela peça de crítica histórica. — Sec. C.

Grandeza e Miséria, por Denis da Luz; Pro Domo Editora; Lisboa, 1945. — Como o autor dele mesmo diz, este opúsculo escreveu-o quando tinha dezoito para vinte anos. Sua finalidade é demonstrar a preponderância da vontade na vida de homens célebres. Cita centenas de exemplos de grandes homens que tiveram que lutar contra toda espécie de adversidade: pobreza, doença, perseguições políticas, inveja, incompreensão. Avisadamente relembra uma sentença do livro americano "Great Books as Life-Teachers": "Muitas vezes os biógrafos dos grandes homens, como os filhos de Noé, têm de andar para traz, para lhes cobrirem a nudez". Pois nem todos homens "célebres" mencionados neste livro merecem a nossa admiração incondicional. Mas o que o autor tem em vista: mostrar que, onde está uma vontade, está um caminho, — isto é o consegue. Conseguirá também que a nossa mocidade se dê, devéras, à formação de uma vontade inabalável que não arreda pé do caminho do dever? — Sec. C.

BEMFEITOR DE "O MARIANO"

O sr. Willy Renaux, Brusque, enviou a "O Mariano" um donativo de Cr\$ 100,00. Sinceros agradecimentos.

DAS NOSSAS CONGREGAÇÕES

No dia 21 de abril p. p., encontraram-se no gramado do Colégio Catarinense membros das C.C. MM. N. Sra. da Glória e N. Sra. do Rosário para uma partida de futebol. Parece mesmo que Nossa Senhora não gosta de rivalidades entre seus filhos. Pois, como já várias vezes aconteceu, os dois teams empataram. Desta vez foi 3 x 3.

E' Bom Saber...

— A representação diplomática da Irlanda junto ao Vaticano foi elevada à categoria de embaixada. É a única embaixada irlandeza.

— Nos Estados Unidos da América do Norte prepara-se a edição das obras dos Padres da Igreja. Será a primeira coleção completa em língua inglesa. (Christliche Nothilfe — Zurich).

— A elevação do Arcebispo de Peking, Monsenhor Tien, S. V. D., à dignidade cardinalícia deu enorme publicidade à Igreja Católica na China, principalmente entre os intelectuais.

— O Santo Padre organizará a hierarquia eclesiástica na China. São previstos vinte arcebispos. A maior parte dos Arcebispos serão chineses. Além disto serão criados uns 80 bispados.

— Como embaixador da China irá para a Cidade do Vaticano o Dr. Wu-Ching-Xiung, um dos mais proeminentes advogados daquele país. Há alguns anos converteu-se à fé católica em consequência da leitura da vida de Sta. Terezinha. (Nuestra Vida — México).

— Os Padres da Companhia de Jesus, na Holanda, podem celebrar a sta. Missa somente cinco vezes por semana por falta de vinho.

— Por ocasião de sua visita à Universidade de Loyola, em Los Angeles, a sra. Chang-Kai-Chek recebeu o título de doutor honoris causa. Agradecendo ao Reitor da Universidade, P. Eduardo Whelan, S. J., que lhe conferiu o grau acadêmico, disse a ilustre visitante que considerava os jesuitas porta-estandartes da liberdade e precursores da democracia.

— Mais um capelão militar norte-americano foi honrado pelo governo dos U. S. A. Trata-se do P. Armando Proulx, S. J., que, em condições difficilimas, prestou serviços relevantes em Hang-Chung, China. (De Nuestra Vida — Lima).

MARIANOS CELEBRES

3. Engenheiro e Financista

"Roni", apostrofou o sr. Paulo a seu primogênito, "Roni, isto tem que acabar. Não basta fazeres tuas travessuras! Levas também teu irmãozinho para o mau caminho. Com a vara vamos liquidar a tua conta".

Tais cenas não eram muito raras na casa do professor primário Paulo Jaegen, em Tréveres (Alemanha). Pois o menino de oito anos não era nenhum exemplar de virtudes acabadas. O pai, entretanto, não quis que seus filhos tomassem rumo incerto, enquanto ele empenhava todos os esforços na educação de filhos alheios. E conseguiu seu intento, sobretudo com o travesso Roni.

Jerônimo Jaegen, ou — como seus pais costumavam chamá-lo para abreviar nome tão comprido — Roni, nasceu aos 23 de Agosto de 1841, na antiga cidade romana em terras germânicas. Filho de católicos exemplares, sadio e esperto, via-se Roni a braços com fraquezas e más inclinações. Ele mesmo mais tarde escreverá e lamentará que, até a idade de 17 anos, não conseguiu domínio completo sobre as tentações e os pecados. Isto melhorou, somente quando encontrou um sábio confessor ao qual revelou o estado de sua alma.

Tendo cursado o ginásio de Tréveres, dirigiu-se para Berlim, onde frequentou a faculdade de engenharia. Lá também teve a boa sorte de encontrar um excelente diretor espiritual que exerceu uma influência decisiva sobre a alma do jovem estudante. Este sacerdote introduziu a Roni na Congregação Mariana de Moços, Congregação esta em que florescia não somente um verdadeiro entusiasmo pela prática da fé católica, mas que, com suas Conferências Vicentinas, ensinava aos seus membros a verdadeira caridade cristã.

O ideal mariano tornou-se a estrêla orientadora para toda a vida de Roni. Como levou a sério a santificação própria! Tão abnegado tornou-se, tão íntima foi sua vida com Deus, que foi elevado às alturas da mística dos santos. Deste amor de Deus brotou seu zelo apostólico que qual rio fecundava seus campos de ação em toda a parte.

O fiel cumprimento dos deveres de estudante mereceu-lhe não somente um brilhante certificado final, mas uma excelente colocação numa fábrica de máquinas em sua cidade natal.

De Berlim e de sua Congregação Mariana trouxe também aquele profundo amor à Igreja católica que é um dos distintivos de Roni. Já como estudante deu provas disto. Chegando uma vez em casa para passar as férias, ouviu que se tinha começado a construção de um monumento em honra de Maria Santíssima. Num outeiro perto da cidade de Tréveres queriam os católicos erigir uma coluna em cima da qual colocariam uma estátua de Nossa Senhora. Mas, por falta de dinheiro, a obra ficou inacabada. Roni propõe uma rifa em favor do monumento. As autoridades não têm grande confiança

neste meio, mas consentem numa tentativa. Em pouco tempo, Roni consegue tanto quanto é necessário para a continuação da coluna.

Enquanto o jovem engenheiro se dedica aos trabalhos na fábrica de máquinas, a Prússia declara guerra à Austria. Roni é chamado também. Numa longa oração, na catedral de Colônia implora a proteção de Maria Santíssima e fortalecido segue para o front. Lá não era só soldado valente, mas antes de tudo um camarada sacrificado. Ambas, a bravura e a caridade merecem-lhe a promoção ao posto de tenente. Ao voltar para sua cidade natal, o chefe da empresa em que Roni trabalha, confere-lhe o posto de diretor técnico.

Entretanto, é chamado mais uma vez às armas, por ocasião da guerra franco-prussiana. Desta vez, porém, passa quase todo o tempo em Coblença, servindo como oficial na administração.

Ainda ouvia-se o vibrar dos sinos que anunciaram a paz entre as duas nações, quando o governo prussiano, ébrio pela vitória militar, resolveu esmagar a Igreja Católica, encetando a luta que tão erroneamente foi chamada "Kulturkampf".

Agora veiu para Roni a hora para patentear seu grande amor a Cristo e sua Igreja. O Congregado Jaegen, em toda a parte, pronunciava discursos inflamados, defendendo o Santo Padre e os direitos da Igreja. Anima seus irmãos na fé. Intrépido denuncia a injustiça cometida pelo governo. E eis que o ministério de guerra lhe cassa a patente de oficial e o expulsa do exército. Jerônimo não se queixa, não se defende. Alegria-se por poder sofrer alguma coisa por Cristo.

Em 1879, fundou-se em Tréveres o Banco Popular, e seus fundadores não conheciam homem mais competente para dirigi-lo do que o distinto católico que era Jerônimo Jaegen. Durante dezenove anos permaneceu à testa desse instituto, ganhando, com sua afabilidade a confiança de quantos entraram em contacto com ele. Uma bondade particular para com os empregados assegurou-lhe a simpatia e a fidelidade destes. Como estas qualidades, era também fruto de sua união íntima com Deus o raro senso de responsabilidade que o retinha no seu escritório desde a manhã até altas horas da noite. E ainda assim achou tempo para ajudar a outros. Sem remuneração alguma fez as vezes de diretor de uma sociedade anônima, de uma casa para criadas pobres, de um asilo para crianças surdo-mudas e de outras instituições congêneres.

Motivos de saúde forçaram-no, afinal, a renunciar ao posto de diretor do Banco Popular. Não tinha, porém, chegado a hora de descansar.

Foi eleito deputado para a dieta prussiana. Lá não distinguiu-se somente na defesa dos direitos de Deus e da Igreja, mas ainda por seu zelo de trabalho na comissão de finanças.

E, no meio de toda esta espantosa atividade, achou tempo ainda para escrever valiosos livros sobre a vida espiritual.

CLUBE PAN-AMERICANO

Venezuela. — Ao sul das planícies de Venezuela, encontram-se as vastas terras montanhosas da Guiana e a quase inexplorada mata de chuva que liga Venezuela à bacia amazônica. Isto é clássico território missionário. Nos primeiros anos do decênio 1930-1940, um grupo de Salesianos foi destacado para a grande língua de terra que avança Brasil a dentro. Até agora muito pouco tempo passou para que se possa relatar grande sucesso da missão, conhecida como Prefeitura do Alto Orinoco.

Os Capuchinhos, com 50.000 almas a seu cargo, conseguiram esplêndidos resultados na grande área oriental da Venezuela, desde a foz do Orinoco até a fronteira brasileira, ao longo dos confins ocidentais da Guiana Britânica. Como o Gran Chaco, a Gran Sabana de Venezuela, situada dentro dos limites desta missão, tem seus profetas que falam de milhões de habitantes que um dia povoarão aquela região, quando a barreira de isolamento for saltada. Venezuela é agradecida aos Padres, porque estes preparam o caminho para a nova era. O missionário tem pacificado o índio e assim, reduzido a um mínimo, os perigos que de parte dos aborígenes possam ameaçar os intrusos não-índios. Quando os Capuchinhos chegaram, encontraram criaturas rudes e analfabetas, nômades que não comiam senão peixe, que eram indolentes, debilitados em consequência de muitas doenças, e que possuíam noções muito primitivas sobre a religião.

Os missionários já criaram uma nova vida para estes povos. A poligamia foi reduzida, 10% sabem ler e escrever, as tribus conhecem o uso de roupas, dinheiro e outros fatores da organizada vida social. Três famílias copiaram seus patrícios venezuelanos ao ponto de colocarem motores de popa nos seus botes. Uma proporção substancial tornou-se cristã.

John J. Considine escreve: "Estava sentado no tranquilo claustro dos Capuchinhos em Caracas, falando com um dos Padres, um veterano com uma bela barba branca, antigo missionário de Coroní. Dizia: "Quando nós começamos, estávamos entre índios selvagens. Hoje, possuímos um povo que ainda necessita de direção,

Meditando, certo dia, sobre a morte, perguntou a Jesus, como seria sua morte. Jesus respondeu: "Com um beijo de minha boca tirar-te-ei desta terra".

Antes, porém, deveria merecer tal insigne graça. Uma longa e dolorosa doença obrigou-o a procurar asilo num hospital. Afinal, no dia 26 de Janeiro de 1919, Jesus veiu buscar seu servo fiel, como tinha prometido.

Com Jerônimo Jaegen, enviou a Congregação Mariana ao céu um filho que soube realizar o ideal mariano. Sob a égide de Maria aprendera, ele a amar a Jesus e ao próximo, distinguindo-se neste duplo amor de tal forma que alcançou a perfeição cristã, que o tornou querido de Deus e dos homens.

ESCOLA DE GUERRA (XIV)

31. "Da Congregação será excluído (1) todo o Congregado ou Candidato que faltar notavelmente ou aos deveres comuns do bom cristão, (2) ou aos particulares que lhe impõem as regras. (3) A exclusão será sempre decretada pelo Diretor, que nos casos mais difíceis ouvirá previamente o Conselho". (4).

Comentário. (1) A exclusão da C. M. traz consigo a perda de todos os privilégios e graças concedidas pelos Sumos Pontífices à C. M. Um Congregado uma vez excluído não deve ser readmitido nem na mesma nem em qualquer outra C. M. sem motivos verdadeiramente graves. — (2) Já que o Congregado deve ser católico exemplar, pode ser excluído da C. M. por faltas que não são diretamente contra as Regras da C. M., mas por qualquer falta grave contra os deveres comuns de cada cristão, desde que esta falta for conhecida fora da confissão. A C. M. não pode permitir que seus membros dêem mau exemplo por seus atos contra a lei de Deus. — (3) Relaxamento na frequência das Comunhões Gerais ou das reuniões podem justificar a exclusão. — (4) Embora seja o Diretor quem finalmente decreta a exclusão, convém que consulte os Oficiais. Estes manifestem livremente sua opinião, tendo em vista tanto o bem do resp. Congregado como da C. M. Mas, quando se verificou a necessidade da exclusão, proceda-se a ela. Não favorecerá a C. M. o arrastar peso morto.

mas que, praticamente, está civilizado. Temos vinte seminaristas e em breve, assim o esperamos, poderemos ordenar o primeiro padre indígena. Estamos contentes por ver o nosso povo mais e mais capaz de cuidar de si economicamente. Este é o nosso grande fim: assegurar aos índios completa independência social e uma vigorosa vida religiosa".

Longe, no outro extremo de Venezuela, os Capuchinhos trabalham entre os Motílonos, esforçando-se por não ficar atrás dos seus missionários irmãos do outro lado da fronteira colombiana. Esta parte da Vinha do Senhor é chamada Vicariato de Machiques. É chefiada por um sacerdote que ganhou seus galões com muitos anos de apostolado ao longo do Rio Caroní.

É curioso verificar como os homens diferem no modo de apreciar os valores.

"O senhor escolheu um modo estranho de gastar a sua vida", disse um operário de uma companhia petrolífera a um destes novos sacerdotes entre os Motílonos.

"É possível", respondeu o padre. "Mas isto depende do que você procura. Recentemente, um Motilone roubou o saco com o dinheiro para os operários de uma companhia de petróleo, atirou fora os milhares de dólares do saco e fugiu com o que ele mais apreciava: a lona do saco. Minhas idéias do que é precioso são diferentes das suas e das do Motilone". ("Call for Forty Thousand", by John J. Considine, M. M. — Citado em "The Catholic World" — New York).

¶ Para Todos Nosso Senhor instituiu a Confissão para todos.

Por isto, todos os católicos se confessam.

O Santo Padre, como qualquer outro homem, ajoelha-se perante seu confessor e diz seus pecados. Uma das primeiras causas que a criança aprende, é fazer uma boa confissão. A Igreja aconselha seus membros de se confessarem antes da maior parte das ações importantes da vida. E, no fim, quando a morte está lançando a sua sombra, na antecipação do vôo rápido da alma para a eternidade, a graça mais importante que pode ter uma pessoa moribunda, é uma boa confissão.

Pecadores, depois de uma vida de pecados e vícios, podem achar o caminho de volta para Deus somente pelo arrependimento e a confissão.

Mas, os santos gostam de se confessar; pois, depois de ter referido seus pecados e sentido a inefável misericórdia e amor de Deus, verificam quão perto estão de Deus.

É uma cousa encantadora ir uma família inteira à confissão como preparação para receberem todos juntos o Bom Pastor na Santa Comunhão.

E quando noivos juntos se dirigem ao confessor, descobrem um novo laço de união para seu amor.

A Confissão é para todos. Quis Deus que ela fôsse a fonte da felicidade e paz, coragem e força.

Este opúsculo, escrito por um eminente diretor de almas e cuja tradução publicamos em "O Mariano", quer ajudar a todos que se confessam.

DOIS TIPOS DE ERROS

1. Cuidado Demasiado Não será mal cometer com os erros quanto à confissão. E uma vez removidos, poderemos abordar a questão de como bem confessar.

Comete erro do primeiro tipo o penitente que se agonia por causa da confissão. Cria positivamente horror da Confissão. Tem mais medo dela do que do caminho ao dentista. Examina a consciência até que esta se contorce de dores. Entra no confessionário com os sentimentos do homem que vai para a cadeira elétrica. E, acabada a confissão, é banhado de suor e passa minutos intoleráveis tentando persuadir-se que a confissão foi bem feita ou que não o foi.

Sem dúvida, totalmente errado.

Pois Cristo que instituiu a confissão, era o Cristo Pai do Filho Pródigo; O Cristo Bom Pastor; o Cristo Misericordioso que perdoou os pecados de Maria Madalena e a triplice negação de Pedro; o Cristo que nos contou da indizível alegria no céu por causa de um pecador que faz penitência.

Devíamos aproximar-nos da confissão com alegria. A confissão deveria ser feita com confiança infinita na misericórdia de Deus. Deveríamos lembrar-nos dela com a sensação de um intenso alívio.

2. Cuidado Insuficiente O erro do segundo tipo é cometido pelo penitente que não se incomoda bastante. A confissão tornou-se para ele uma rotina. Ele a faz sem nenhum cuidado e talvez, mesmo sem pensar no que está fazendo.

Para protestantes tais católicos são enigmas — como o são, igualmente, para católicos educados e instruídos.

Se a confissão nunca foi concebida como instrumento de tortura para a alma, também não foi instituída para ser uma cousa de que a gente se aproxima dançando descuidadamente, ou que nos deixe achegarnos leviana e irrefletidamente, quase sem preparação, e sem resultados perceptíveis para o melhoramento e fortalecimento da vida.

A confissão é tremendamente importante.

É tão importante aos olhos de Deus como o é o pecado aos olhos do diabo. Pelo pecado o demônio agarra a alma e segura-a firmemente. Pela confissão, a alma volta a Deus. Mas a alma não pode entregar-se ao demônio sem que o saiba e queira claramente, nem pode o homem voltar a Deus a não ser que pense no que está fazendo e deseje tornar a ser amigo de Deus, filho de Deus.

em adultério: "Val, e não peques mais".

A GENTE QUE SE CONFESSA

Entre os vários tipos de pessoas que se confessam, encontramos os seguintes:

1. O Pecador que há anos não se confessou Quando depois de anos de pecados, depois de uma vida passada "numa terra distante... vivendo dissolutamente", um homem ou uma mulher volta ao confessor, Deus está contente, e o sacerdote sente-se profundamente feliz.

Naturalmente, o pecador não achará fácil dizer que velho tenha sido. A relação de seus pecados não o encherá de orgulho de si mesmo. Pode até preparar-se para a repreensão merecida.

Tudo isto, porém, é perfeitamente secundário para a alegria do sacerdote que vê voltar um pecador que tantos anos errava longe. Para o sacerdote foi uma boa noite aquela que passou no confessionário, ajudando a um homem ou mulher que tanto tempo foi inimigo de Deus, achar felicidade, perdão e paz.

A alegria, todavia, do sacerdote é modesta em comparação da alegria do próprio Cristo. Este é o

ruptura' do hábito de pecar.

Pois Deus quer ajudá-los. Ele está muito mais interessado em ver a falta corrigida do que eles mesmos o podem ser. Ele deseja derramar Sua força nestas almas. Talvez, eles confiassem demais nas suas forças próprias e não recorressem com bastante cuidado a Deus.

Além disto, a confissão não é somente um meio de obter absolvição e perdão. Ela é uma fonte de força. Possui grandes poderes curativos. A graça do sacramento é a ajuda mais forte possível contra a repetição dos pecados.

Portanto, mesmo quando há hábitos de pecado em sua alma, o pecador sabiamente se confessa, porque:

Deus lhe dá novas forças.

A confissão mesma é uma fonte de força.

O sacerdote poderá dar-lhe um conselho que resolva seu problema.

Com seus repetidos esforços de renunciar ao pecado, triunfará no fim.

3. A Gente em geral A vida da maior parte dos homens e mulheres é

uma mistura de bondade e maldade, de virtude e pecado. Fazem muita cousa boa; entretanto, sentem que a fazem sem fervor nem com muito cuidado. Fazem muita cousa pecaminosa e imperfeita. E fazem-na tão facilmente.

Para tais a confissão é preciosíssima.

Os seus pecados lhes são perdoados e tirados pela misericórdia de Deus.

Recebem nova força para fazer com coragem e constância as cousas que querem fazer.

Sentem a incessante necessidade da misericórdia de Deus. Sentem que mesmo mais precisam da força de Deus, rodeados, como estão, pela omnipresente pressão da tentação.

4. Os Bons Seus pecados são poucos. Às vezes, têm a impressão que não têm quase nada que dizer na confissão. Não será a confissão um desperdício de tempo para tais? Não estarão eles tomando simplesmente o tempo ao sacerdote, quando há almas realmente pecadoras para serem absolvidas, e gente fraca a ser fortalecida?

Mas, ninguém pode conhecer a extensão e natureza de seus pecados próprios. Por isto, confessando-se, mesmo os bons são beneficiados: recebem o perdão daqueles defeitos e fraquezas humanas das quais nem tenham consciência.

O Purgatório para o qual os nossos pecados nos encaminham, é pelo poder da confissão — com o arrependimento e a penitência imposta — reduzido em intensidade e duração.

De novo, a graça do sacramento é derramada sobre a vida dos bons. São fortalecidos contra esta ou aquela terrível tentação que, talvez, de repente se levantará e quase os venceria. Por causa da força que alcançaram na confissão, executam mais facilmente as cousas difíceis exigidas de todos que tentam levar vida santa.

(Continúa)

TU E A CONFISSÃO

DANIEL A. LORD, S. J.

(TRADUÇÃO)

A CONCEPÇÃO CERTA

A confissão deve ser uma fonte de verdadeira alegria.

Por meio dela o pecado é perdoado. Escutamos, enquanto um homem revestido com o poder de Deus, diz claramente: "Teus pecados estão perdoados. Eu te absolvo. Vai em paz".

Estas palavras pronunciadas por aquele homem, são poderosas: a alma que tinha perdido a amizade de Deus, de novo é amiga de Deus; a alma cujo passaporte para a eternidade tinha sido rasgado, recebe um novo documento, e o céu lhe está garantido.

Mas isto exige uma verdadeira cooperação da parte do pecador. Deus não pode perdoar os pecados de uma pessoa que não está arrependida de seus pecados. Pior do que desperdiçada é a absolvição que o sacerdote pronuncia sobre o pecador que não está resolvido a desistir de pecar. O pecador que entra no confessionário sem pensar no que está fazendo, que entra sem arrependimento e sem sinceridade, sai dele em condições piores do que entrou.

Porque Cristo, atraz-do sacerdote, segue o curso da confissão e olha para as profundezas da consciência humana. Ele sabe, se o pecador está arrependido ou não. Ele sabe porque o pecador veio confessar-se. E à absolvição, Ele acrescenta as palavras com as quais despediu a mulher surpresa

momento pelo qual Ele esperava. Ele, o pai do filho pródigo, agora abraça o viajor errante. Ele carrega a ovelha desgarrada ao redil, apertando-a contra o coração. Sua morte na cruz não foi em vão. Ele achou Seu irmão, Sua irmã perdida há muito tempo.

Cristo disse tudo isto tão claramente, quando falou da alegria no céu por causa do pecador que faz penitência. Ele falou da alegria da mulher que achou a pequena moeda que tinha perdido. E quando durante a sua vida na Terra, um pecador, procurando perdão, se lhe aproximou, Ele recebeu-o de braços abertos e com uma torrente de misericórdia e amor.

2. O Pecador Habitual É o homem ou a mulher que comete sempre de novo os mesmos pecados. Algum hábito vicioso tomou posse do pecador, e ele ou ela sente-se impossibilitado de se livrar.

Algo como desespero gela a alma desta gente. "Tinhamos vontade de melhorar. Estávamos firmemente resolvidos a não mais cometer este pecado. Falhamos. Que esperança há para nós desta vez?"

Não importa quantas vezes o pecado é cometido, ou quão profundamente está arraigado o hábito, eles devem continuar a ir a Cristo na confissão. Enquanto estão resolvidos a tentar melhorar a vida, eles devem voltar à confissão. Virá o dia que lhes trará a realização de suas esperanças e a

I.

O sol entava lançando seus raios quentes sobre um pequeno veleiro que tinha zarpado de Belize, Honduras Britânica, havia duas horas, e se achava a um oitavo de milha do continente orlado de mangues, ao passo que do outro lado, à distância de uma légua, ficava um longo e delgado Recife. O barco não tinha mais do que trinta e cinco pés de comprimento. Umas quarenta pessoas espalhavam-se no seu único convéz. Sete ou oito destes passageiros estavam protegidos pela sombra da vela-mestra; os demais, contentes, deixavam-se assar pelo sol causticante.

Só dois homens estavam de pé — o comandante ao pé da roda do leme, tendo a seu lado um rapaz franzino, de face oval que lembrava a cor de marfim velho. O capitão, de lábios grossos, pés largos, cabelo encarapinhado, nariz chato, rosto preto e feio, mas bem humorado, era evidentemente descendente dos Caraíbas. O mocinho a seu lado podia muito bem ter sido o rebento de um grande espanhol. Mas não era. Havia nele sangue índio e espanhol, e ele era uma daquelas felizes criaturas de origem mixta que herdaram o melhor que havia no patrimônio das duas raças.

"Tenho a sensação", disse o comandante caraíba do bom navio "Honey Dew" (Orvalho de Mel), "que vamos apanhar uma pancada de vento. O dedo machucado de meu pé direito sempre dóe antes de uma mudança de tempo, e agora me incomoda muito".

"Não tenho nenhum dedo machucado", observou o rapaz, de cabeça alterosamente levantada. "Mas tenho olhos e posso ver uma nuvenzinha lá para as bandas orientais, que está crescendo e vindo sobre nós".

Havia uma menina de cor de cobre; tinha uns quinze anos e estava deitada aos pés do comandante e do moço. Seus olhos fixavam o último com ingênua admiração.

"Por que você não arrea a vela?" perguntou ela, dirigindo-se ao capitão e olhando para o moço.

"Não demorará", disse pavorosamente o caraíba, revelando uma fila de dentes brancos num sorriso lento e lânguido.

"Nunca estamos com pressa nestas regiões, Maria Ana", observou o rapaz, olhando-a com algum desdém.

"Meu nome é honesto", disse ela sombriamente. "É Carmelita".

"É este", perguntou o moço, olhando-a atentamente, "é este seu nome de batismo?"

"Sim".

"Mas você não é espanhola".

"Fui batizada há três meses num convento de New Orleans".

"Ah, é!" disse o rapaz. "Achei engraçado. Você vê, Carmel, qualquer um pode dizer que você é uma índia. Meu nome é Manuel. Sou espanhol de sangue puro".

"Não tente pregar-nos uma peça", notou um homem derreado debaixo da vela grande. "Onde apanhou este cabelo liso? Você é em parte índio e sabe disso. Meu guri, não é uma distinção nestas zonas ser um mentiroso".

AÇÃO RÁPIDA

FRANCIS J. FINN, S. J.

(TRADUÇÃO)

"Pois bem", retorquiu Manuel. "Suponho que tenho algo de índio em mim. Mas durante os dois anos que trabalhei no armazém de um verdureiro nos "Estados", eu dizia que era espanhol, e todos o enguliram".

"Ué!" exclamou o homem. "Então você é Manuel Alvarez".

"Como sabe?"

"Li a seu respeito no jornal. Há seis meses, um seu tio em Honduras Espanhola morreu e deixou-lhe quatrocentos dólares para serem empregados em sua educação. E você foi mandado ao Colégio S. João em Belize. Por que não está aí agora?"

"Fui expulso nesta madrugada".

"Oh!" gritou Carmelita, sentando-se rígida e sem fôlego.

No mesmo momento, uma enorme vaga atirou-se contra o barco, invadindo o convéz e molhando quase todos os passageiros, a metade dos quais eram caraíbas. Por alguns segundos houve sinais de vida e emoção e muitas vozes levantadas. Tudo foi dominado pelo canto claro de um frango, preso numa cesta que uma mulher caraíba apertava contra o peito. Ela, também, acomodou-se, sentando erecta e colocando a cesta em cima da cabeça coberta por um chale. O barco jogava, mas isto não importava nem a ela nem a seu novo adorno de cabeça.

Voltando-se para o comandante, interpelou-o prolongadamente. Uma ou duas vezes, ela ficou tão animada que parecia que a cesta e o frango iam mergulhar na Baía de Honduras. Falou no caraíba mais puro. O capitão fez-lhe algumas observações afáveis na mesma língua. Removendo a cesta de sua cabeça e passando-a para as mãos da mulher vizinha, ela falou de novo. Sua linguagem era mais apaixonada do que antes. Ficou eloquente. As largas mãos moviam-se em gestos amplos, executando cada dedo sua parte. Os olhos brilhavam.

Mais uma vez, o capitão respondeu e sorriu revelando dentes perfeitos.

A mulher retorquiu com algumas frases curtas, soando cada uma como um punhal. Mesmo os de bordo que não entendiam o caraíba, percebiam que ela chamava nomes, fazendo referências odiosas aos seus antepassados e profetizando cousas horríveis a respeito dele e de sua posteridade. A tudo isto o capitão nada respondia.

"De que é que se trata?" perguntou Manuel.

"É por causa daquele franguinho", respondeu o caraíba sorrindo, enquanto a mulher ofendida, com um grunhido indignado, recolocou a cesta na cabeça. "Ela afirma que vale mais do que meu barco maldito e os passageiros. Diz que o bicho é um frango de sangue".

"O que?" gritou o moço.

"Um frango de sangue — um frango de jogo".

"Frango de jogo? Você quer dizer, um galo de rinha?"

"Isto mesmo. Afirma que é um animal de esporte. E diz que, se eu permitir que mais vagas entrem no barco, vai forçar-me a pagar indenização. Pagou por ele dez dólares".

"Sabe", observou Manuel, "daqui a pouco darei uma olhadela no frango. Se me parecer bom, comprá-lo-ei. Talvez possa fazer alguma cousa com ele".

Entretanto, a lufada de vento tinha passado. O barco quase não se movia. As velas, de vez em quando, espantavam contra o cordame. Uma mulher de Yucatan abriu um farnel e começou a comer. Um outro seguiu seu exemplo, e depois mais um e mais um. Era meio dia em ponto. Serviu-se o almoço. Reinava calma no mar e no barco.

No meio do silêncio levantou-se a voz de Carmelita:

"Você foi expulso?"

"Sim," voltou Manuel, dirigindo-se à multidão que se estava alimentando. "Veja, antes nunca tinha frequentado uma escola e não gostava dos livros. Várias vezes, também, vi-me envolvido em brigas; e se não fosse o Prefeito, Professor Stanton, teria sido expulso há muito tempo. Foi um bom homem e experimentou tudo para me salvar. Gostei dele, e meterei a minha faca entre as costelas de quem quer que não goste dele."

Manuel fez uma pausa e lançou um olhar maligno sobre os comedores. Se estava presente alguém que não sentia nos recessos de seu coração um amor pessoal pelo Professor Stanton, esteve por demais absorto no importante acto de comer para que exprimisse seus sentimentos opostos.

"Ontem a noite," continuou Manuel, "escapel do dormitório e fui ver um amigo que emprestou-me cinco shillings. E encontrei um grupo que estava pronto a jogar baralho comigo. Eu estava ganhando bem, até que um destes camaradas, um carregador, começou a fazer trapaças. Brigamos. Fui preso. Levaram-me de volta ao Colégio e o Reitor deu-me uma cama para a noite. Esta manhã, o Professor Stanton trouxe-me para bordo deste navio. Estou de caminho para Stann Creek, onde meu pai e minha mãe estão de visita".

"E eu vou para San Pedro, na Baía de Ambergris", disse a menina. "Eu também fui expulsa".

"De onde?"

"Da escola das Irmãs, em New Orleans. Não passei lá muito tempo. Um primo rico de Belize foi quem me mandou para lá. Eu não quis fazer o que me disseram. Queriam que eu estudasse. Faz uma semana, fiquei fura de raiva e rasguei todos os meus livros, e

fiz uma porção de bobagens. Quando chegar em casa, meu pai me dará uma boa surra".

"Vocês dois", disse o dono do navio, "fariam um casal esplêndido".

Carmelita dardejou-lhe um olhar. Manuel que aparentemente não ouvira a observação, levantou um dedo à altura do peito, moveu-o de um modo impressionante e disse:

"Gostaria que seu barco imundo fosse ao fundo".

"Assim o desejo eu", acrescentou a encantadora menina.

"Talvez vá", replicou o capitão. "Este mar morto significa alguma cousa. Aquela nuvem aí está aumentando. Mas por que deseja afogar-se?"

"Quem disse que eu desejava afogar-me?" exclamou o rapaz. "Prometi ao Professor Stanton de não sair deste navio até que chegássemos a Stann Creek, a não ser que alguma cousa aconteça. E devo manter-lhe a palavra. Ora, ele gostava tanto de mim. Ficou aniquilado porque fui expulso. Quase chorou. Deu-me isto". Aqui Manuel abriu a camisa, expondo à vista uma medalha do Escapulário e um Agnus Dei, pendurados no seu peito juvenil. "E prometí-lhe ser um bom católico durante toda a minha vida, E sê-lo-ei".

Os comedores, já não tendo nada mais a comer, prestavam quase todos atenção ao eloquente moço. Sua última declaração provocou vivo interesse. Quase todos a bordo seguiram-lhe o exemplo e orgulhosamente expuseram à admiração pública crucifixos, escapulários e medalhas. Um deles, um velho com barba por fazer, exibiu com orgulho um contador de confissões o qual, como explicava, tinha roubado e votava-lhe uma devoção especial. O velho pecador, para fazer-lhe justiça, nunca mais deixava cair sua sombra sobre a porta duma igreja, desde que se safou com o contador.

Manuel estava contente, ganhara um auditório.

"Senhoras e senhores", continuou, "por que trabalhar? Por que ir ao mato dia por dia? Por que cortar mogno? Não sabem que este é o país mais rico do mundo?"

Julgando pela expressão de seus rostos, ninguém parecia saber.

"Bem, é assim. Afirmo-lhes, é assim. Isto é o Main espanhol. Este é o lugar onde os piratas, os bucaneiros, depositavam todos os seus tesouros. Costumavam entrar aqui nesta baía de Honduras, porque conheciam o caminho, e os navios grandes não os podiam seguir por causa da pouca profundidade do mar. E em redor de nós estão enterrados os tesouros de Morgan e de Kidd e de tantos outros piratas".

"Eu passei aqui toda a minha vida — quarenta anos", disse o capitão, "e não tenho visto nenhum tesouro enterrado".

"Ué!" gritou Manuel. "Como pode ver um tesouro que está enterrado? Você já cavou?"

"Não, Manuel. Vivo na água. Tenho pescado somente".

"Está certo. Vocês não acreditam que há tesouros enterrados, porque não os viram. Eu vou cavar".

(Continúa)